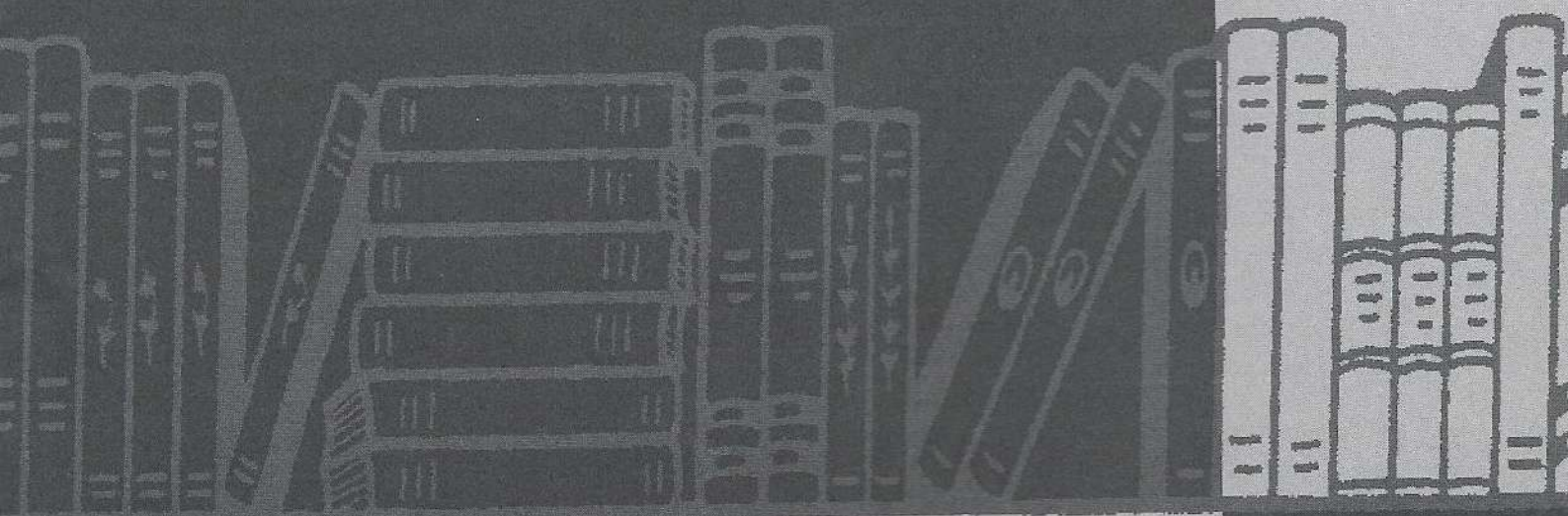


Anna Rachel Machado [coordenação]

Eliane Lousada

Lília Santos Abreu-Tardelli



Resenha

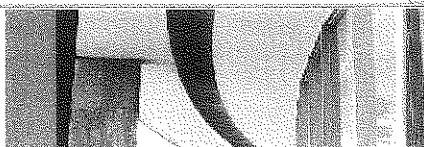
O plano global de uma resenha acadêmica (prototípica)

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Nesta seção, analisaremos o plano global de uma resenha, começando por sua leitura e passando, a seguir, a uma análise que leva à identificação de suas diferentes partes.

1. A seguir, vem uma resenha, que você ainda não precisa ler integralmente. Passe os olhos por ela, buscando informações que o auxiliem a completar o quadro abaixo.

Livro resenhado	
Autor do livro	
Contextualização do livro	
Tema do livro	
Autor da resenha	
Área em que se insere o resenhista	
Veículo em que ela foi publicada	
Livros citados nas referências bibliográficas	



TRABALHADORES E CIDADÃOS, de Paulo Roberto Ribeiro Fontes

Edilson José Gracioli

1. O livro de Paulo Fontes — resultado da sua dissertação aprovada junto ao Programa de Mestrado em História Social do Trabalho, na UNICAMP — debruça-se sobre a história dos operários da Nitro Química, empresa construída no subúrbio paulistano de São Miguel a partir do final de 1935, cuja produção iniciou-se em setembro de 1937. Inserida na tentativa de compreender a dinâmica da industrialização no Brasil, a pesquisa elegeu essa unidade produtiva como espaço cotidiano e complexo da luta de classes² onde, de um lado, a Nitro Química (uma espécie de “CSN do setor químico”) elaborou um sistema de dominação específico e, de outro, os trabalhadores construíram respostas próprias a ele, vivendo uma tensa e rica experiência, ora de resistência, ora de relativa integração àquele sistema.

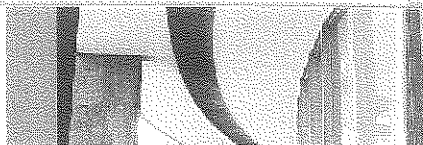
2. No dizer do próprio autor, objetivou-se “[...] aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não por parte dos trabalhadores de um determinado modelo de dominação e gestão da mão-de-obra criado pela Nitro Química ao longo dos anos quarenta e desenvolvido plenamente na década seguinte” (p. 14). O diagnóstico que se apresenta sobre esse modelo indica-o como articulado em torno de vários aspectos próprios à ideologia corporativa³ e ao nacional-desenvolvimentismo, que marcava o Estado brasileiro de então.

3. O recorte temporal (os anos cinquentas) justifica-se, segundo Paulo Fontes, por ter sido esta a década onde o modelo de dominação empresarial gestado nos anos antecedentes viveu o seu ápice e, também, o início do seu esgotamento, uma vez que a reciprocidade entre empresa e trabalhadores sofreu enormes desgastes,

2 “O conceito de classe tem uma importância capital na teoria marxista». (...) “Marx e Engels admitiram que a classe era uma característica distintiva das sociedades capitalistas» (Bottomore, 1983/2001), considerando-se que suas duas principais classes seriam a burguesia e a classe operária. Ainda para esses autores, a burguesia seria “a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios da produção social e empregadores do trabalho assalariado (Marx, Manifesto comunista, 1888). Segundo Marx e Engels, a história de todas as sociedades existentes até o tempo em que escreveram seria a história das lutas de classe», que se constituiria como a luta do operariado contra a burguesia.

3 Segundo o Dicionário Houaiss, “corporativista” é adjetivo referente a “corporativismo”, que pode ser compreendido como: “1 doutrina que considera os agrupamentos profissionais como uma estrutura fundamental da organização política, econômica e social e preconiza a concentração das classes produtoras em forma de corporações tuteladas pelo Estado”.

(URL: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=corporativismo> (30/08/04))

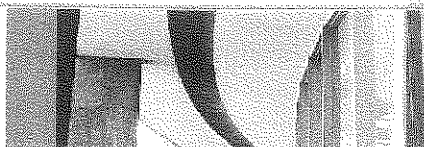


dado o avanço de uma identidade sociocultural própria entre os operários, em função da aguda atuação sindical e política nos anos anteriores a 1964.

4. O trabalho se estrutura em cinco capítulos. No primeiro, apresenta-se uma análise do contexto que marcou a trajetória da empresa, desde a sua criação até o final dos anos cinqüenta. Tal análise permite ao leitor a intelecção de aspectos, como por exemplo as relações de cumplicidade havidas entre o governo de Getúlio Vargas e os proprietários da Nitro Química (José Ermírio de Moraes e Horácio Lafer), ou ainda o lugar que a Segunda Guerra desempenhou no crescimento econômico da empresa. Encontram-se também menções ao complemento que o Círculo Operário Católico de São Miguel significou ao serviço de assistência fabril, onde capital e trabalho deveriam se harmonizar. Até mesmo a origem majoritária dos operários (fundamentalmente nordestinos) era apropriada pelo discurso empresarial enquanto fator de "integração". A "nordestinidade" reforçaria, assim, a busca da paz social. Não obstante tratar-se de uma empresa privada, a Nitro Química apresentava-se como instrumento a serviço dos interesses nacionais, fator de patriotismo, da mesma forma como, por exemplo, a Companhia Siderúrgica Nacional o fazia. A implicação desse elemento de dominação era imediata: ser parte da família nitrina significava atender aos interesses da nação e, conseqüentemente, fazer greves ou outros movimentos reivindicatórios seria contrapor-se a tais interesses.

5. Para que o patriotismo visado não desse margem a qualquer confusão com o "falso" nacionalismo dos comunistas, desde cedo a empresa se preocupou em combater o comunismo. E o fez com base em mais dois mecanismos centrais: o espírito pioneiro e desbravador dos "pais" da família nitrina e a constante procura de um capitalismo sadio, humano e progressista. Este último elemento explicitava a especificidade de uma empresa privada a serviço da Nação, quando comparada com as firmas estatais. A Nitro Química, ainda que pertencente a proprietários particulares, mantinha-se, ao menos no discurso, 'aberta às questões sociais'. Todavia, essa ideologia era acompanhada de um poderoso e eficaz instrumento prático, o Serviço Social. Para além das palavras, um conjunto de "benefícios" (médico-odontológico, de abastecimento, cooperativo, recreativo, de segurança) objetivava garantir o disciplinamento no espaço extrafabril sobre os operários.

6. O capítulo 4 dedica-se ao estudo da organização sindical dos operários da Nitro Química e das suas relações com o Partido Comunista, cuja militância em São Miguel Paulista era destacada, tanto no âmbito sindical quanto em outros aspectos da vida cultural e social do bairro (como, por exemplo, na organização de festas, bailes, apresentações teatrais, excursões e palestras). Paulo Fontes faz um bom relato das razões pelas quais os trabalhadores olhavam com muita desconfiança para o Sindicato, uma vez que este atrelava-se à política da empresa. Em meio a



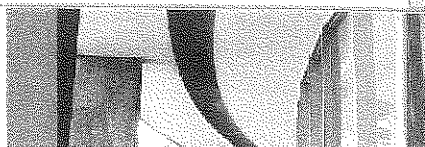
essa discussão, o autor analisa o significado do assistencialismo⁴ para os trabalhadores e conclui que este não pode ser visto apenas como um reforço à tutela do Estado sobre sindicatos, sendo, também, “[...] parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações, tendo provavelmente relações com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes” (p. 136). Aqui me parece manifestar-se uma das lacunas deste que é um bom trabalho. Mais adiante voltarei a isto.

7. O último capítulo analisa a greve dos trabalhadores da Nitro Química acontecida de 24 a 31 de outubro de 1957, a mais longa da sua história até então. Uma nova diretoria no Sindicato dos Químicos, empossada em novembro de 1956, apresentava uma linha de ação bem diferenciada do que até aquele momento se verificava na entidade. Ao invés de contratos por empresa, essa diretoria buscava firmar contratos com os sindicatos patronais. A proeminência do setor jurídico deu lugar ao investimento na participação dos trabalhadores, inclusive com a escolha de delegados sindicais.

8. A greve na Nitro Química iniciou-se no mesmo dia em que a famosa greve dos 400 mil trabalhadores chegou ao final. Nesta, seis categorias obtiveram importantes conquistas econômicas e impuseram uma vitória no embate com os respectivos segmentos do empresariado. Neste contexto é que, segundo Paulo Fontes, pode-se entender o movimento grevista dos operários da Nitro que, após oito dias de confronto com o aparelho repressivo do Estado e a intransigência patronal, revelou-se vitoriosa, pois a empresa concordou com a reivindicação central (20% de reajuste sobre os salários vigentes em agosto de 1956), além de não punir os grevistas. Para Fontes, “a greve de outubro de 1957 representou uma inflexão profunda nas relações de reciprocidade entre a Nitro Química e seus trabalhadores. A imagem, já em progressivo desgaste no período anterior, de uma grande e poderosa empresa provedora de benefícios para seus trabalhadores, sofreria um forte abalo com a paralisação” (p. 163). Tal inflexão se deu porque “[...] se os chamados benefícios sociais da Nitro puderam em alguns momentos cumprir o papel de ajudar a evitar que a maioria dos trabalhadores da fábrica aderisse a protestos e movimentos grevistas, em 1957 eles já não tinham mais esta capacidade” (p. 164).

9. Além de ser resultado de uma acurada pesquisa sobre as manifestações cotidianas daquele segmento da classe trabalhadora nos anos cinquenta, o livro de

4 Segundo o Dicionário Houaiss, “Assistencialismo” seria, do ponto de vista da sociologia, “doutrina, sistema ou prática (individual, grupal, estatal, social) que preconiza e/ou organiza e presta assistência a membros carentes ou necessitados de uma comunidade, nacional ou mesmo internacional, em detrimento de uma política que os tire da condição de carentes e necessitados. Do ponto de vista político, com conotação pejorativa, “sistema ou prática que se baseia no aliciamento político das classes menos privilegiadas através de uma encenação de assistência social a elas; populismo assistencial” URL :<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=assistencialismo> (30/08/04).



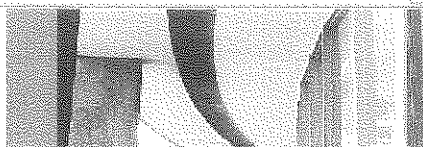
Paulo Fontes aponta para aspectos fundamentais da possibilidade de uma ação ofensiva por parte dos trabalhadores: "A ação da militância comunista e sindical no interior da fábrica pôde potencializar este descontentamento operário para a conquista da direção do sindicato, para a organização no local de trabalho e para realizar uma campanha salarial na empresa em diferentes moldes no ano de 1957. A nova orientação do sindicato tornava-o aos olhos dos trabalhadores um efetivo instrumento para a conquista de direitos, um porta-voz coletivo de seus representados e, portanto, uma necessidade" (p. 165).

10. Porém, teriam, efetivamente, os trabalhadores da Nitro experimentado a greve de outubro de 1957 fundamentalmente em função de uma intensa organização interna à empresa? Esta é uma das principais conclusões polêmicas que Paulo Fontes apresenta em relação ao que outros autores (notadamente Leôncio Martins Rodrigues e Armando Boito Jr.) sustentam a respeito, uma vez que, para estes autores, praticamente inexistente, no período, organização sindical nos locais de trabalho. Rodrigues afirma que as greves são organizadas "[...] de dentro para fora das empresas" (RODRIGUES, 1966: 76) e Boito Jr. sustenta que "o sindicato de Estado não organiza de modo sistemático e estável os operários e demais trabalhadores" (BOITO Jr., 1991: 236), sendo, isto sim, um importante fator para sua frágil presença nos locais de trabalho.

11. Parece-me que falta ao texto de Fontes um tratamento mais detalhado da estrutura sindical oficial⁵ (montada sobre a unicidade sindical, as contribuições compulsórias, a carta sindical e a justiça trabalhista) e o seu efeito moderador nas lutas reivindicatórias dos trabalhadores. O próprio assistencialismo pode e deve ser analisado enquanto importante complemento a essa forma histórica de enquadramento dos sindicatos. Entendê-lo como "[...] parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações [...]", relacionando-o "[...] com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes", significa perder de vista as determinações da totalidade social capitalista sobre esta cultura e não explicitar o resultado último do assistencialismo: reforçar a subalternidade, obstando, inclusive, manifestações mais abrangentes e agudas da consciência de classe, menos atadas ao contingencial.

12. Desde o título do livro presume-se que a questão da cidadania merecerá atenção. De fato, em alguns momentos isto se dá, como nos trechos seguintes: "O desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos trabalhadores nas leis do País eram outro foco de grande insatisfação. A Nitro redefinia o que era direito do trabalhador no âmbito de seu espaço (p. 163)"; "Organizados e mobilizados, os trabalhadores nitrinos desenvolveram nesse período uma série de lutas, como as reivindicações pelas taxas

5 Estrutura dos sindicatos montada pelo governo da época.



de insalubridade e pelo abono de Natal, até hoje fortemente presentes na memória social daquele grupo operário. Até 1964, a Nitro, vivendo agora um período de forte decadência seria conhecida [...] como uma fábrica 'quente' do ponto de vista da militância sindical. O Sindicato dos Químicos de São Paulo foi, a partir de então, um instrumento vital para a conquista de direitos" (p. 173).

13. Todavia, no trabalho não se qualifica "cidadania". Esta ausência dificulta, inclusive, a percepção do projeto de cidadania que, eventualmente, aqueles trabalhadores possuíam, se é que essa questão (a luta por uma extensão dos direitos) realmente tenha ocupado o centro das suas mobilizações. Pelo exame dos documentos, entrevistas e outras fontes citadas no livro, percebe-se que o eixo da própria greve de 1957 foi o combate ao arrocho salarial, ou seja, a rejeição à superexploração da força de trabalho⁶, remunerada aquém do seu próprio valor de troca⁷. Naquele momento, tais trabalhadores teriam articulado suas reivindicações mais imediatas ao menos a um projeto de reformas sociais? A identidade que construíram permaneceu no momento econômico-corporativo, estendeu-se minimamente a outros segmentos da classe trabalhadora ou, ainda, tañenciou a necessidade desta diferenciar-se com vistas à luta pela hegemonia? O enfrentamento destas indagações permitiria vislumbrar os contornos do que o autor está entendendo por cidadania e, mais que isto, verificar em que medida aquelas lutas operárias se expressaram também nessa dimensão.

14. Essas observações em nada diminuem o vigor do livro. O exaustivo trabalho de pesquisa que se pode perceber e a constante preocupação com o fazer-se dos operários da Nitro Química em suas experiências de resistência credenciam-no como leitura obrigatória aos que se interessam pelo mundo do trabalho, quer pelo ofício de pesquisador, quer pela militância sindical ou, ainda, pela absoluta necessidade de se compreender a realidade brasileira. Recebido para publicação em março de 1998.

Edilson José Gracioli (ejgmz@triang.com.br) é Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOITO Jr., A.. (1991). O sindicalismo de Estado no Brasil. São Paulo/Campinas, Hucitec
UNICAMP. RODRIGUES, L. M. (1966). Conflito industrial e sindicalismo no Brasil. São Paulo, Difel.

URL: <http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/resumo.php?pidtexto=296> (29/08/04)

⁶ Para a teoria marxista, os operários vendem sua "força de trabalho" aos capitalistas em troca de um salário em dinheiro. A "força de trabalho" é uma mercadoria comprada e usada pelo capitalista para obter trabalho e aumentar o valor de outras mercadorias. Ao pagar um valor menor do que o valor que o trabalho por eles extraído acrescenta às mercadorias, estariam superexplorando a força de trabalho e remunerando abaixo do "valor de troca" dessa força de trabalho.

2. A partir das respostas que você deu para a atividade 1, levante hipóteses sobre:

a) Quais seriam as características profissionais do resenhista?

b) Quais seriam as características do livro resenhado e da resenha?

c) Por que será que o autor da resenha cita outros livros no que ele chama de “referências bibliográficas”?

3. Você viu, na seção 1, que as resenhas se caracterizam por apresentarem pelo menos dois movimentos básicos: a descrição ou o resumo da obra e os comentários do produtor da resenha. Preencha o quadro abaixo com trechos da resenha que você acabou de ler, que correspondam a esses dois movimentos

Trechos descritivos/resumidores da obra	Trechos de comentários

4. Agora vá observando a resenha atentamente e faça as atividades indicadas para cada parágrafo.

4.1. Pensando sempre que a resenha apresenta trechos descritivos sobre um outro livro, seus objetivos, seus conteúdos, sua estrutura etc., verifique:

a) O que é apresentado no primeiro parágrafo?

- b) O que é apresentado no segundo parágrafo? Qual verbo, neste parágrafo, indica o que é apresentado?

- c) O que é apresentado no terceiro parágrafo? Qual verbo indica o que é apresentado?

- d) Verifique o que o resenhista apresenta sobre a obra resenhada em cada um dos parágrafos, do quarto ao oitavo.

4º e 5º parágrafos: _____

6º parágrafo: _____

7º e 8º parágrafos: _____

Liste as expressões que introduzem os tópicos tratados nesses parágrafos.

4.2. Agora, pensando que a resenha também apresenta trechos de comentários sobre a obra, verifique:

- a) O que o resenhista acrescenta no nono parágrafo?

() um comentário negativo

() um comentário positivo

Sublinhe no texto as palavras que o indicam.

- b) No décimo parágrafo, o resenhista introduz outros autores, citados na bibliografia. Qual a relação desses autores com a obra resenhada? Como o resenhista qualifica essa relação?

- c) O que o resenhista apresenta do 11º ao 13º parágrafos?

() um comentário negativo

() um comentário positivo

Sublinhe no texto as palavras que o indicam.

- d) Qual é a avaliação mais marcante do resenhista sobre a obra? Positiva ou negativa? Justifique com trechos da resenha.

5. Relacione as idéias abaixo com o(s) parágrafo(s) em que elas aparecem.

() comentário positivo

() resumo do 5º e último capítulo

() menção ao número de capítulos que o livro contém

() apresentação do livro e do tema por ele abordado

() resumo do 4º capítulo

() conclusão positiva

() resumo do 1º capítulo

() comentário negativo

() objetivo do livro resenhado

- 6. De acordo com a organização dos conteúdos, podemos dizer que a resenha lida apresenta 8 grandes partes, conforme indicamos no quadro abaixo, com a enumeração do agrupamento dos parágrafos. Nos espaços em branco, escreva uma frase resumindo o que é apresentado em cada uma dessas partes.**

3 primeiros parágrafos	
4º e 5º parágrafos	
6º parágrafo	
7º e 8º parágrafos	
9º parágrafo	
10º parágrafo	
11º, 12º e 13º parágrafos	
14º parágrafo	

CONCLUINDO...

Você viu que a resenha acadêmica é organizada globalmente em diferentes partes. Generalizando, reveja as atividades desta seção e complete o texto abaixo com as palavras no quadro abaixo, expressando suas conclusões sobre os conteúdos que normalmente aparecem nessas diferentes partes.

Comentários — os objetivos — a conclusão — a apreciação — Informações sobre o contexto e o tema do livro.

No início de uma resenha, encontramos _____. Em seguida, _____ da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos ou agrupamento de capítulos. Depois, encontramos _____ do resenhista sobre a obra. Aliás, é importante que haja tanto _____ positivos quanto negativos. Finalmente, _____, em que o autor deverá explicitar/reafirmar sua posição sobre a obra resenhada.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Leia a resenha a seguir e verifique se ela contém as mesmas partes da resenha que acabamos de analisar.

Resenhas - Microsoft Internet Explorer

http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm

Resenhas

O homem e o mundo natural

Keith Thomas

Floods of fortune

Michel Gouling,
Nigel Smith, Denis
Mahar

Impactos Ambientais Urbanos no Brasil

Antônio Teixeira Guerra, Sandra Baptista da Cunha

Outras resenhas

Envie sua resenha

rae34@uol.com.br

RESENHAS

IMPACTOS AMBIENTAIS URBANOS NO BRASIL

Antônio José Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, Ed. Bertrand Brasil.


por Bruno Buys

Impactos ambientais urbanos no Brasil é uma coleção de artigos de diferentes autores, organizados por Antônio Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, que analisam os impactos ambientais enfrentados por cidades brasileiras em diferentes contextos econômicos, sociais e históricos da ocupação do território brasileiro.

Em sua grande maioria, as cidades brasileiras nasceram e se desenvolveram sem nenhuma preocupação de adequada utilização do solo e do espaço. Conceitos como sustentabilidade, qualidade do ar e da vida aqui por estas plagas são coisa recente, talvez impulsionados pela Rio-92.

Os artigos escolhidos abordam problemas ambientais em cidades estudadas pelos organizadores e pelos demais autores de capítulos: pequenas cidades como Açailândia, no Maranhão, cujo nascimento e crescimento estiveram ligados à economia da madeira e da extração de ferro de Carajás. Sorriso, no Mato Grosso, tema de um capítulo, é um assentamento criado pelo governo federal através de políticas públicas de ocupação do cerrado brasileiro, no começo da década de 1980. Ocupado principalmente por população vinda do sul do país, Sorriso vive da agricultura de grande escala mecanizada, às margens do Rio Teles Pires, um subafluente do Rio Madeira, que deságua no Amazonas. Teresópolis, Florianópolis e Petrópolis e seus problemas ambientais são tema de capítulos específicos, assim como Rio de Janeiro e São Paulo.

O que mais chama a atenção do leitor ao longo da obra, independente do tamanho ou das características da cidade, é a falta de planejamento pelo setor público. Talvez seja esta a maior constante, similar nos casos extremos desde Sorriso e Açailândia até São Paulo e Rio. Os assentamentos humanos brasileiros carecem de qualquer esboço de planejamento, sendo seu crescimento orientado pela lógica do maior lucro, até onde as questões ambientais começam a impor um ônus tão grande que se invoca a ação pontual e emergencial do Estado.



Concluido

RESENHA 43

Resenhas

O homem e o mundo natural
Keith Thomas

Floods of fortune
Michel Goulding,
Nigel Smith, Denis
Mahar

Impactos
Ambientais
Urbanos no Brasil
Antônio Teixeira
Guerra, Sandra
Baptista da Cunha

Outras resenhas

Envie sua
resenha
rae34@uol.com.br

RESENHAS

Neste sentido, apesar da diversidade de autores e estilos, o livro é uma séria crítica à ação do Estado nos três níveis, municipal, estadual e federal. Setores da população urbana brasileira convivem com problemas ambientais sérios, capazes de provocar mortes como deslizamentos, desbarrancamentos e enchentes. Falta de infra-estrutura básica como saneamento e esgoto em áreas residenciais de classe baixa fornecem o material perfeito para o desenvolvimento de voçorocas, grandes ravinas formadas por erosão do solo, que podem, em estado avançado, provocar deslizamentos de terra. Em Sorriso, no Mato Grosso, uma cidade fundada há apenas quinze anos, o estado de deterioração ambiental chama a atenção para a facilidade e o curto prazo em que o homem pode modificar o ambiente natural, tornando-o inadequado à vida. A cidade é pontilhada por voçorocas que castigam os habitantes cotidianamente. Ruas inteiras somem dentro delas, principalmente as de bairros mais pobres, é claro. A poluição das águas do rio Teles Pires pelos defensivos e insumos agrícolas tornam a água inadequada ao consumo.

A população urbana brasileira, principalmente a de grandes centros, vive constantemente em situação ambiental muito ruim. Tênuos esforços públicos são levados a cabo em véspera de desastre, para evitar o mal maior. Mas, de maneira geral, o brasileiro não está educado nem conscientizado para a necessidade de mudar de hábitos e efetivamente melhorar o ambiente e a qualidade de vida urbana, em vez de só evitar o mal maior. Iniciativas — tímidas — como o rodízio de carros particulares em São Paulo, entre 1996 e 1998, deram mostras de seu potencial em melhorar a qualidade do ar e de reduzir o caos no transporte. Porém, esbarram no individualismo da solução automotiva e do status que o carro tem na nossa contemporaneidade.

No Rio de Janeiro, habitações de classe baixa proliferam em áreas de risco de deslizamento. O poder público faz vista grossa, por não poder oferecer melhores condições de habitação a esta população. No verão e nas enchentes, o salve-se-quem-puder dos resgates e o denunciismo da mídia são a tônica.

Embora utilize conceitos e terminologias de várias áreas de conhecimento dedicadas à questão ambiental, a obra é basicamente um livro de geografia. Os organizadores são geógrafos e professores do Departamento de Geografia da Universidade

Concluído

Resenhas - Microsoft Internet Explorer

Endereço: <http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm>

Resenhas

O homem e o mundo natural
Keith Thomas

Floods of fortune
Michel Goulding,
Nigel Smith, Denis Mahar

Impactos Ambientais
Urbanos no Brasil
Antônio Teixeira Guerra, Sandra Baptista da Cunha

Outras resenhas

Envie sua resenha
rae34@uol.com.br

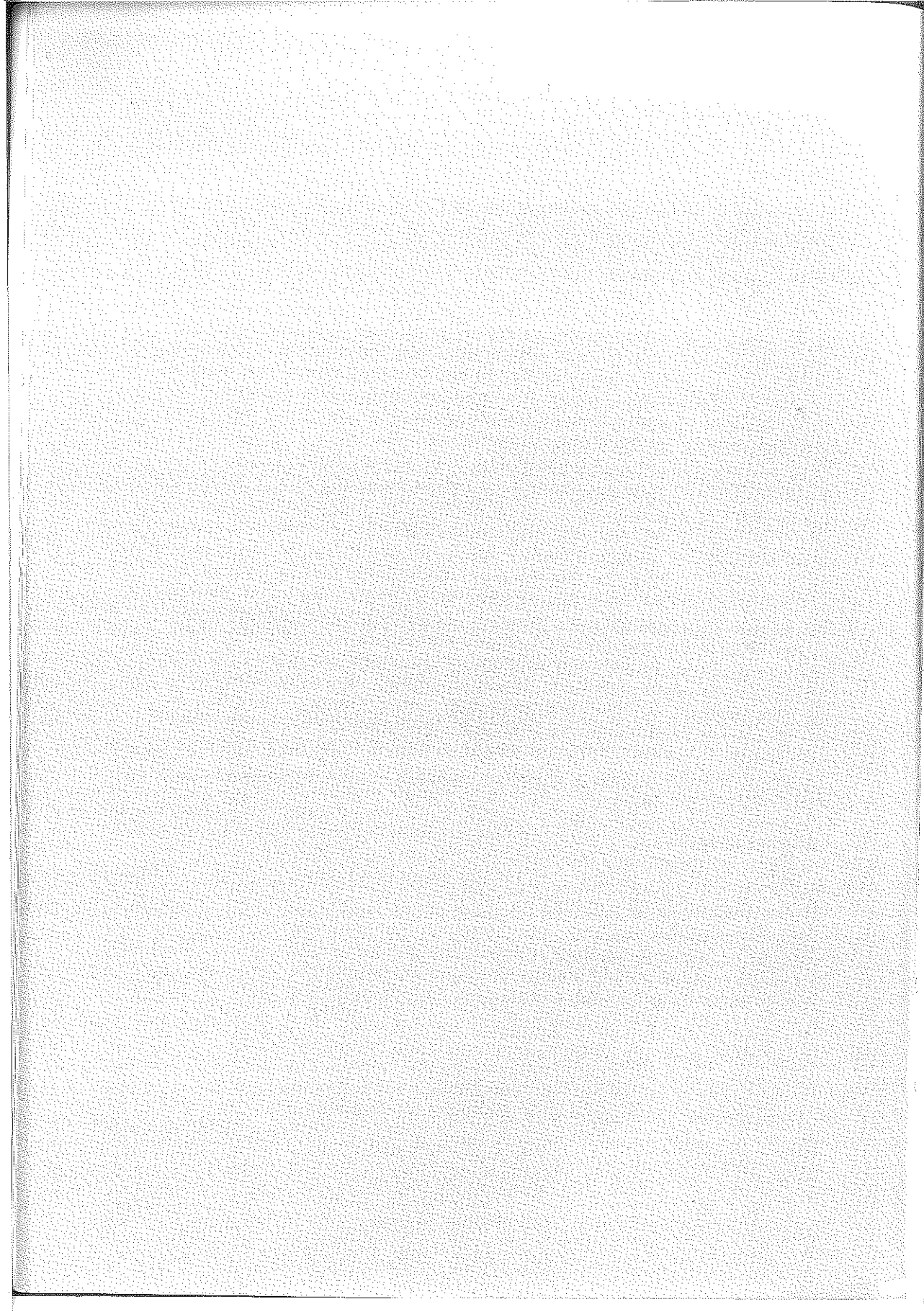
RESENHAS

Federal do Rio de Janeiro/Universidade do Brasil. Embora tenha sido planejado para alunos e pesquisadores não só de geografia, mas de áreas com preocupações ambientais como engenharia civil e agrônômica, ciências da terra, biologia/ecologia e geografia, a obra fica aquém do que se esperaria no quesito clareza de expressão e preocupação com jargões e terminologias específicas da geografia. O leitor não-geógrafo poderá sentir alguma dificuldade. Por outro lado, o livro é muito bem-sucedido na escolha dos problemas relevantes a serem tratados, que devem interessar a todo o universo-alvo escolhido, bem como ao brasileiro em geral que esteja preocupado com os destinos do país.

A conservação da natureza, da Amazônia, e a preservação da biodiversidade são temas constantes nos nossos diários e noticiários. Estão na pauta do dia, junto com esforços de grandes organismos internacionais como a ONU e o Banco Mundial. É preciso dizer com igual clareza e embasamento científico que o espaço das cidades também pertence ao universo de preocupações ambientais dignas de esforço público e investimentos. Nossa modernidade tecnológica precisa, definitiva e irreversivelmente, incluir critérios de excelência ambiental no planejamento urbano das cidades. No Brasil, este é um imperativo imediato, caso não queiramos endossar o exemplo da cidade de São Paulo, onde o caos no transporte e o nível de qualidade do ar beiram constantemente o limite aceitável. Em alguns casos ultrapassam.

Atualizado em 22/06/01 URL: <http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm> (29/08/04)

Concluído



Os mecanismos de conexão: o uso dos organizadores textuais

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Quando se escreve um texto, é importante guiar o leitor para que ele possa entender as diferentes relações que queremos estabelecer entre as idéias. Essas relações entre as idéias são dadas por palavras que “organizam” o que está sendo dito, ou seja, os organizadores textuais. Grande parte deles são conhecidos, na gramática normativa, como conectivos, mas vistos apenas como elementos de conexão de frases. Como veremos, sua função é mais ampla: estabelecer relações entre as idéias, não só nas frases, mas também entre os parágrafos. Nesta seção, analisaremos os organizadores textuais encontrados na resenha estudada e veremos quais são suas funções.

1. Consulte a resenha “Trabalhadores e cidadãos” mais uma vez e identifique os parágrafos em que o resenhista

	Parágrafo
Apresenta uma conclusão do livro que ele classifica como polêmica	
Faz um comentário negativo em relação à obra resenhada	

2. Observe os organizadores textuais que iniciam os parágrafos 10 e 13. Qual é a relação lógica que esses dois organizadores estabelecem entre o parágrafo que início e o parágrafo que os precede?

- () causas e justificativas sobre o que foi dito no parágrafo anterior
- () contraste ou argumentos contrários ao que foi dito no parágrafo anterior
- () complemento adicional ao que foi dito no parágrafo anterior

3. Classifique os conectivos abaixo no quadro a seguir, segundo suas funções.

Não só — mas — também — entretanto — com efeito — embora — ainda
que — no entanto — de fato — contudo — apesar de — mesmo que — mas

Conectivos que indicam adição de idéias	Conectivos que indicam contraste entre idéias ou argumentos contrários	Conectivos que indicam explicação/ constatação/ confirmação

4. Além dos conectivos acima, podemos também encontrar outros que têm valores/funções diferentes. Marque com **C os conectivos que introduzem conclusões e com **A** os que introduzem argumentos, causas ou justificativas.**

- () já que () assim () uma vez que () devido a
- () por isso () como () isso posto () pelo fato de
- () assim sendo () portanto () porque () pois

5. Identifique os conectivos nos trechos abaixo.

Texto 1

Nas últimas décadas, a obra de Vygotsky tem sido intensamente recuperada, pois sua influência sem dúvida é crescente no panorama atual, tanto no tocante à psicologia cognitiva quanto à educação em geral.

Este é um texto claro e abrangente de psicologia pedagógica, destinado sobretudo à formação docente, cujo destaque é a grande amplitude dos temas abordados (...)

In: L. Vygotsky. 2001. *Psicologia pedagógica*. Edição comentada. Artmed, São Paulo: quarta capa.

Tese do autor	Argumentos usados	Conectivo que introduz os argumentos e seu valor
		Pois — causa ou justificativa

Texto 2

(...)

A amiga e confidente Olga Borelli, que participou do cotidiano de Clarice Lispector nos últimos anos de vida da autora, confirma: Ela era uma dona de casa que escrevia romances e contos. Com a máquina de escrever no colo, ela produzia seus livros com os filhos ao redor, atendendo ao telefone, chamando a empregada e recebendo os amigos.

Mesmo tendo evitado expor sua intimidade ao público, Clarice Lispector fez de seus textos um vasto itinerário de uma identidade inquieta e turbulenta, inadaptável às expectativas sociais, obsessiva na captura de si mesma e do outro, desmascarando, sob o verniz do cotidiano, um mundo de desejos e fantasias inconfessáveis. É possível conhecê-la através de inúmeros vestígios, indícios e revelações, dispersos sob as falas de tantas personagens, narradores implícitos ou interpostos, ou ainda nos vários fragmentos — espécies de epigrama e aforismo — que aparecem infiltrados num corpo textual incomum. A literatura de uma das mais importantes escritoras brasileiras está, portanto, muito além da simplicidade doméstica que seu cotidiano faz crer.

(...)

In: Y. Rosenbaum. 2002. *Clarice Lispector*. Publifolha.

Tese do autor	Argumentos usados	Conectivo que introduz a conclusão
		Portanto

CONCLUINDO...

Para que servem os organizadores textuais em uma resenha?

1. Assinale as alternativas que melhor se aplicam à função dos organizadores textuais.

() guiar o leitor.

() organizar o que é dito.

() estabelecer relações entre as idéias nas frases.

() estabelecer as relações entre as idéias entre os parágrafos e nas frases.

2. Resuma sua função na resenha em algumas linhas.

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Releia a última resenha da seção 4, “Impactos ambientais urbanos no Brasil” e procure os organizadores textuais que introduzem um comentário negativo sobre a obra resenhada.

A expressão da subjetividade do autor da resenha

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Vimos, na seção 1, que a resenha difere do resumo por conter elementos avaliativos, ou seja, comentários do resenhista sobre a obra resenhada. Vimos também, na seção 3, que existem trechos da resenha em que podemos perceber esses comentários. Nesta seção, identificaremos os comentários feitos pelo resenhista na resenha estudada e analisaremos como eles são feitos.

1. Leia o trecho abaixo, tirado do manual *Sobre a elaboração e a estrutura dos pareceres*, escrito por Egon de Oliveira Rangel, que trata de regras a seguir na elaboração de pareceres. Nesse trecho, o autor cita a última máxima conversacional de Grice (1962), filósofo da linguagem americano, preocupado com a eficácia das interações.

Por fim, o parecerista deve obrigar-se a observar a "máxima da polidez", deixando de lado as expressões que possam agredir ou desrespeitar os destinatários. A propósito, outro lógico, Copi (1974), argumentando em direção semelhante, chama a atenção para a "neutralidade emocional" que deve caracterizar a linguagem técnico-científica e, no nosso caso específico, a dos laudos.

O que você conclui em relação à linguagem que deve ser usada em uma resenha?

2. Uma das maneiras de ser "polido" é atenuar as afirmações negativas, que possam agredir o autor da obra resenhada. Sublinhe, no trecho abaixo, as expressões que atenuam a crítica negativa do resenhista ao autor da obra. Aqui me parece manifestar-se uma das lacunas deste que é um bom trabalho.

3. Procure outro exemplo como o acima no 11º parágrafo.

4. No 13º parágrafo, o resenhista também atenua sua opinião sobre o fato de o autor não ter qualificado “cidadania”. Ele aponta que conseqüências positivas essa qualificação teria para o leitor. Com que verbo e em que tempo verbal isso é feito?

5. No 11º parágrafo, o resenhista dá sua opinião sobre como analisar o assistencialismo. Sublinhe a frase em que isso é feito e os verbos usados.

6. Procure, nos parágrafos indicados abaixo, os comentários sobre a obra resenhada feitos pelo resenhista. Siga o exemplo sublinhando, quando possível, as expressões que parecem conter mais comentários sobre a obra.

Parágrafo	Comentário
6º	Paulo Fontes faz um bom relato (...) deste que é um bom trabalho
9º	
12º	
13º	
14º	

7. Esses comentários parecem expressar a opinião do resenhista de maneira
() direta/explicita, usando verbos como “eu acho que”, “eu penso que”, ou expressões como “na minha opinião” etc.

() indireta/implícita, sem o uso desses verbos ou expressões

8. Quais categorias gramaticais foram mais usadas nesses exemplos para expressar a opinião do resenhista?

- | | | |
|-----------------|---------------|------------------|
| () verbos | () adjetivos | () substantivos |
| () advérbios | () artigos | () pronomes |
| () preposições | | |

9. Por que, na sua opinião, o autor opta por essa maneira de mencionar seus comentários?
- _____

CONCLUINDO...

Você viu que na resenha acadêmica aparecem comentários do resenhista sobre a obra resenhada. Generalizando, reveja as atividades desta seção e complete o texto abaixo com suas conclusões sobre a expressão da subjetividade do resenhista na resenha. Quando se faz uma resenha sobre a obra de alguém, é importante seguir algumas regras de _____, para evitar agredir o autor da obra resenhada. Para tanto, podemos usar vários recursos linguísticos. Dentre eles, temos:

1. O uso de expressões que atenuam as opiniões, como: _____
2. O uso de alguns tempos verbais que também têm a função de atenuar o que está sendo dito, como: _____
3. O uso de _____, _____ e mesmo _____ para expressar a opinião do resenhista

PARA CONTINUAR A CONVERSA...

1. Releia a última resenha da seção 4 “Impactos ambientais urbanos no Brasil” e sublinhe as maneiras usadas pelo resenhista para expressar sua subjetividade, seus comentários sobre a obra.
2. Faça o mesmo com o texto 5 dos Anexos, “Além do cartesianismo”.

Procedimentos de inserção de vozes: diferentes formas de menção ao dizer do autor do texto resenhado e de outros autores

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Como no caso do resumo, a resenha é um texto sobre outro texto, de outro autor. Assim, é natural que haja menções ao texto original, o que, no caso da resenha, vem acompanhado de comentários feitos pelo resenhista. Porém, deve-se tomar cuidado ao fazer essas menções para que o que foi dito pelo resenhista e o que foi dito pelo autor do texto original fiquem absolutamente claros para o leitor. Além disso, temos de interpretar os diferentes atos que o autor do texto original realiza no texto. Nesta seção, estudaremos os procedimentos que devemos utilizar para mencionar o autor da obra e seus diferentes atos, distinguindo-os do que é dito pelo resenhista. Muitas vezes, esses atos são atribuídos ao próprio livro/obra, como por exemplo: *o livro se centra*; *a obra tem por objetivo*, ou aparecem impessoalizados.

1. Releia a resenha *Trabalhadores e cidadãos* e identifique os verbos usados pelo resenhista para mencionar o que o autor da obra resenhada faz na obra e/ou a própria obra resenhada. Baseie-se nos exemplos abaixo.

PARÁGRAFOS	VERBOS
1º parágrafo	Debruça-se; elegeu
2º parágrafo	
3º parágrafo	

4º parágrafo	_____ ; encontram-se também menções
6º parágrafo	_____, faz um bom relato, analisa; conclui
7º parágrafo	
9º parágrafo	
10º parágrafo	_____ ; sustentam

2. Além desses verbos, o resenhista usa expressões diversas que também têm a função de introduzir a voz do autor da obra. Identifique algumas delas na resenha que estamos estudando.

No dizer do próprio autor,

3. Releia os verbos que você colocou no exercício 1 e classifique-os segundo as ações que eles indicam, completando ora com o verbo, ora com algumas das ações abaixo. Baseie-se nos exemplos dados.

- Organiza os conteúdos do 4º capítulo de diferentes formas
- Organiza o conteúdo da obra e seleciona o conteúdo do primeiro capítulo
- Organiza o conteúdo do último capítulo de uma determinada forma
- Justifica o recorte temporal

PARÁGRAFO	AÇÃO	VERBO(S) USADO(S)
1º	Seleciona o conteúdo central que vai desenvolver Escolhe o conteúdo da obra	<i>Debruçar-se</i> <i>Eleger</i>
2º	Escolhe um determinado objetivo da obra	
3º		<i>Justificar</i>
4º		<i>Estruturar-se; apresentar; encontrar menções</i>
6º		<i>Dedicar-se ao estudo; fazer um relato; analisar; concluir</i>

7º		<i>Analisar</i>
9º	Enfoca um determinado conteúdo	
10º	Seleciona o conteúdo Afirma com certeza	

4. Baseando-se no quadro acima, o que você pode concluir em relação aos verbos utilizados e em relação aos atos realizados pelo autor da obra original?

O resenhista procura, em sua resenha, utilizar verbos que

5. Relacione esses outros verbos com aquilo que indicam.

Ação do autor da obra original	Verbos possíveis
1. Estrutura e organização da obra	() sustentar, contrapor, confrontar, opor, justificar, defender a tese, afirmar,
2. Indicação do conteúdo geral	() objetivar, ter o objetivo de, se propor a,
3. Indicação dos objetivos da obra	() apresentar, desenvolver, descrever, explicar, demonstrar, mostrar, narrar, analisar, apontar, abordar
4. Posicionamento do autor da obra em relação à sua crença/tese	() estruturar-se; dividir-se, organizar-se, concluir, terminar, começar

6. Em que tempo verbal estão os verbos que

a) remetem aos fatos relatados no livro	() passado
b) atribuem atos ao autor da obra original	() presente

7. Dê um exemplo de cada caso.

a) Remeter a fatos relatados: _____

b) Atribuir atos ao autor da obra original: _____

8. Observe os sujeitos dos verbos da atividade 3 e escreva-os no quadro da próxima página.

PARÁGRAFO	VERBO	SUJEITO
1º	<i>Debruçar-se</i> <i>Eleger</i>	
2º	<i>Objetivar</i>	
3º	<i>Justificar-se</i>	
4º	<i>Estruturar; Apresentar;</i> <i>Encontrar menções</i>	
6º	<i>Dedicar-se ao estudo</i> <i>Fazer um relato</i> <i>Analisar</i> <i>Concluir</i>	
7º	<i>Analisar</i>	
9º	<i>Apontar</i>	
10º	<i>Apresentar</i> <i>Sustentar</i>	

9. Você observou que nem todos os verbos têm o autor da obra como sujeito, embora tenha sido ele quem, de fato, realizou a ação expressa pelo verbo. O que aconteceria se todos esses verbos tivessem o mesmo sujeito, por exemplo *Paulo Fontes* ou o *autor*?

10. A partir do que você fez nas atividades anteriores, tire sua conclusão e complete os espaços.

Para evitar a repetição do nome do autor, podemos nos referir a ele utilizando:

Podemos também, ainda procurando evitar repetições, fazer referências à obra original. Nesse caso, atribuímos os atos a sujeitos inanimados. Algumas possibilidades para fazê-lo são:

11. Agora, utilize os procedimentos que discutimos nas atividades anteriores para completar os trechos selecionados da resenha abaixo. Note que se trata de um livro contendo vários artigos e “organizado” por duas autoras.

Informação e globalização na era do conhecimento

Helena M. M. Lastres e Sarita Albagli (organizadoras)

Rio de Janeiro. Editora Campus. 1999. 318 pp.

Por André Gardini

“O tomate é um produto *high tech*!” Esta afirmação fora de contexto pode parecer um tanto maluca, mas o _____ *Informação e globalização na era do conhecimento* mostra como um sistema de inovações tecnológicas pode ser responsável por transformações na relação da sociedade com o espaço e entre as próprias sociedades. A frase está no _____ “Desmaterialização e trabalho”, escrito por Ivan da Costa Marques, da UFRJ. O _____ descreve uma pesquisa realizada na Universidade da Califórnia que, visando (...)

Discussões como essas estão no _____ organizado por Helena M. M. Lastres, economista e mestre em Engenharia da Produção da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Sarita Albagli, socióloga e doutora em geografia (UFRJ). O _____ está dividido em 11 _____ escritos por autores de diferentes formações, como ciência da informação, ciência política, geografia, economia e sociologia. Os _____ discorrem sobre temas marcantes e responsáveis por profundas transformações no início deste novo milênio.

Nesse sentido, Lastres, no _____ “A economia da informação, do conhecimento e do aprendizado”, corrobora a idéia de Marques, pois diferencia dois tipos de inovação, as tecnológicas e as organizacionais, entendidas como complementares. (...) _____ faz uma análise do papel da informação e do conhecimento na área da economia da inovação, (...)

Portanto, _____ sugere que os sistemas nacionais, regionais ou locais de informação sejam tratados como uma rede de instituições dos setores públicos e privados, tendo a inovação e o aprendizado como seus principais aspectos.

12. Releia os verbos e os sujeitos que você colocou no quadro do exercício 8. Qual é o único caso que não representa um ato do autor da obra original?

13. Que autores são esses?

14. Qual é a função da inserção da voz desses autores?

15. A “voz” desses autores é introduzida através de um recurso gráfico que marca inserção de vozes. Qual é esse recurso?

16. No texto, existem vários outros casos de inserção de vozes. Relacione os trechos da resenha estudada com a função desse recurso gráfico em cada trecho.

Trechos	Função
a) Desde o título, presume-se que a questão da cidadania merecerá atenção. De fato, em alguns momentos isso se dá, como nos trechos seguintes: “o desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos (...) de seu espaço” (p. 163). (parágrafo 12)	() Dar um tom irônico em relação ao discurso empresarial
b) Até mesmo a origem majoritária dos operários (fundamentalmente nordestinos) era apropriada pelo discurso empresarial enquanto fator de “integração”. A “nordestinidade” reforçaria, assim, a busca da paz social. [...] (parágrafo 4)	() Provar que o resenhista se baseia em trechos da obra resenhada
c) No dizer do próprio autor, objetivou-se “[...] aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não () plenamente na década seguinte (p. 14) [...]” (parágrafo 2)	() Justificar uma afirmação, uma opinião do resenhista em relação à obra resenhada

CONCLUINDO...

Escreva aqui suas conclusões sobre o que você estudou nesta seção
